

DISCIPLINA
DE MERCADO
2011

A stylized graphic of a hand holding a leaf, rendered in shades of yellow and orange, set against a background of a grid of squares in various shades of yellow and orange. The hand is positioned at the bottom, with the thumb and index finger holding the stem of a large, curved leaf that arches upwards and to the left.

Montepio



Disciplina de Mercado

2011

30 de Junho de 2012

Índice

Nota Introdutória.....	3
1. Declaração de responsabilidade.....	3
2. Âmbito de Aplicação e Políticas de Gestão de Risco.....	3
2.1 Âmbito de Aplicação.....	3
2.2 Estratégias, processos, estrutura e organização da gestão de risco.....	3
2.3 Âmbito e natureza dos sistemas de informação e medição do risco.....	6
2.4 Políticas de cobertura e redução do risco.....	7
3. Adequação de Capitais.....	8
3.1 Fundos Próprios detidos.....	8
3.2 Afetação do capital interno.....	9
3.3 Adequação de Fundos Próprios.....	9
4. Risco de Crédito de Contraparte.....	12
4.1 Limites de exposição.....	12
4.2 Políticas de avaliação de garantias recebidas.....	12
4.3 Informação quantitativa.....	13
5. Risco de Crédito.....	14
5.1 Definições.....	14
5.2 Estrutura da carteira.....	15
5.3 Risco de concentração.....	18
5.4 Crédito vencido e em imparidade.....	19
5.5 Método Padrão.....	20
6. Técnicas de redução de risco de crédito.....	22
7. Operações de Titularização.....	24
7.1 Operações efetuadas.....	24
7.2 Métodos de cálculo dos montantes das posições ponderadas pelo risco.....	24
7.3 Políticas contabilísticas.....	24
7.4 Informação quantitativa.....	25
8. Riscos de posição, de crédito, de contraparte e de liquidação da carteira de negociação....	26
8.1 Métodos de cálculo de requisitos de fundos próprios.....	26
8.2 Metodologias de avaliação dos riscos da carteira de negociação.....	26
8.3 Informação quantitativa.....	27
9. Riscos Cambial e de Mercadorias das Carteiras Bancária e de Negociação.....	28
9.1 Método de cálculo de requisitos mínimos de fundos próprios.....	28
9.2 Método de avaliação do risco cambial e risco de mercadorias.....	28
9.3 Informação quantitativa.....	28
10. Posições em Risco sobre Ações da Carteira Bancária.....	28
10.1 Objetivos associados às posições em risco sobre ações.....	28
10.2 Técnicas contabilísticas e metodologias de avaliação utilizadas.....	28
10.3 Informação quantitativa.....	29
11. Risco Operacional.....	29
12. Análise de sensibilidade dos requisitos de capital.....	31
12.1 Risco de taxa de juro da carteira bancária.....	31
12.2 Testes de Esforço realizados.....	32
12.3 Informação quantitativa - risco de taxa de juro.....	32

Índice de Quadros e Gráficos

Quadro 1 – Requisitos de Fundos Próprios por Tipo de Risco.....	9
Quadro 2 – Comparação do Rácio Core Tier I com principais bancos.....	10
Quadro 3 – Adequação de capitais para efeitos de fundos próprios	11
Quadro 4 – Adequação de capitais para efeitos de requisitos de fundos próprios	12
Quadro 5 – Adequação de Capitais	12
Quadro 6 – Risco de Crédito de Contraparte.....	13
Quadro 7 – Coberturas com Derivados de Crédito.....	13
Quadro 8 – Instrumentos Derivados de Crédito.....	14
Quadro 9 – Correções de Valor e Provisões	14
Quadro 10 – Distribuição das posições em risco do ativo por classes de risco	15
Quadro 11 – Distribuição geográfica das posições em risco da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original)	16
Quadro 12 – Distribuição sectorial das posições em risco da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original)	17
Quadro 13 – Prazo de vencimento residual da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original).....	18
Quadro 14 – Índices de Concentração	18
Quadro 15 – Distribuição das Posições em Risco da Carteira Total por país.....	19
Quadro 16 – Repartição das posições em risco vencidas e objeto de imparidade	20
Quadro 17 – Requisitos de Fundos Próprios de Risco de Crédito e de Contraparte	21
Quadro 18 – Reavaliação de Bens Imóveis.....	22
Quadro 19 – Técnicas de redução do risco de crédito	23
Quadro 20 – Análise de concentração – Protecção Pessoal e Real de Crédito	23
Quadro 21 – Operações de Titularização	25
Quadro 22 – Valor em dívida das posições em risco titularizadas	25
Quadro 23 – Risco de Crédito – Operações de Titularização: Método Padrão.....	26
Quadro 24 – Risco de Crédito – Operações de Titularização: Síntese de Actividades.....	26
Quadro 25 – Requisitos de Fundos Próprios (Carteira de Negociação).....	27
Quadro 26 – Posições em Risco sobre Ações.....	29
Quadro 27 – Segmentos de Atividade e Lista de Actividades.....	30
Quadro 28 – Requisitos de Capital para Risco Operacional	30
Quadro 29 – Risco de Taxa de Juro (Carteira Bancária).....	33
Gráfico 1 – Distribuição dos tipos de garantias por segmento de crédito	8

Nota Introdutória

O presente documento tem subjacente uma ótica meramente prudencial visando o cumprimento do disposto no Aviso n.º 10/2007 do Banco de Portugal referente à Divulgação Pública de Informações e considerando que as informações a disponibilizar devem contemplar os riscos incorridos, atendendo a objetivos estratégicos e aos processos e sistemas de avaliação instituídos, com referência ao final do exercício de 2011.

1. Declaração de responsabilidade

No que respeita à informação apresentada no documento “Disciplina de Mercado”, o Conselho de Administração (C.A.) da Caixa Económica Montepio Geral (CEMG):

- Certifica que foram desenvolvidos todos os procedimentos considerados necessários e que, tanto quanto é do seu conhecimento, toda a informação divulgada é verdadeira e fidedigna;
- Assegura a qualidade de toda a informação divulgada;
- Compromete-se a divulgar, tempestivamente, quaisquer alterações significativas que ocorram no decorrer do exercício subsequente àquele a que o documento se refere.

2. Âmbito de Aplicação e Políticas de Gestão de Risco

2.1 Âmbito de Aplicação

O âmbito de aplicação é em base consolidada para fins prudenciais, abrangendo a CEMG, o Finibanco, SA, a Finicrédito – Instituição Financeira de Crédito, SA, a Finivalor – Sociedade Gestora de Fundos Mobiliário, SA, o Finibanco Angola, SA e o Banco Montepio Geral Cabo Verde - Sociedade Unipessoal, S.A. (IFI).

2.2 Estratégias, processos, estrutura e organização da gestão de risco

A análise e o controlo dos riscos da CEMG são assegurados pela Direcção de Risco (DRI), à qual compete aconselhar o Conselho de Administração no que respeita a medidas de gestão desses riscos. A execução dos mecanismos de gestão e controlo dos riscos é genericamente da competência das Direcções onde tais riscos são originados.

A DRI dispõe de reporte direto ao C.A., dispondo de independência face às Direcções responsáveis pelo negócio, em linha com as recomendações do Comité de Basileia. Em acréscimo, a Direcção de Auditoria e Inspeção executa, também de forma independente, a análise da adequação dos processos e da sua execução, face às regras internas e externas existentes.

A DRI integra 3 departamentos:

- Departamento de Risco de Crédito** - responsável pelo desenvolvimento e integração nos processos de decisão dos modelos internos de análise de risco de crédito, assim como o reporte prudencial sobre Fundos Próprios e reportes internos sobre risco de crédito;
- Departamento de Riscos de Mercado** - assegura a análise e reporte prudencial e interno dos riscos de mercado, taxa de juro, cambial e de liquidez, assim como a respetiva integração nos processos de decisão da sala de mercados;

(iii) **Departamento de Risco Operacional** – responsável pela função de gestão do risco operacional;

Conforme identificado no âmbito do Modelo de Avaliação de Riscos (MAR) desenvolvido pelo Banco de Portugal, a CEMG encontra-se exposta a um conjunto diversificado de riscos, avultando os riscos de crédito e de liquidez.

O princípio fundamental da análise de **risco de crédito** é a independência face às decisões de negócio, com reporte direto ao C.A.. Nesta análise são utilizados instrumentos e definidas regras de acordo com a materialidade das exposições, a familiaridade com os tipos de risco em causa (e.g. a capacidade de modelização desses riscos) e a liquidez dos instrumentos.

A análise das operações de crédito tem por base a utilização obrigatória de modelos de avaliação de risco, desenvolvidos internamente e cumprindo as exigências do Comité de Basileia.

Assim, em operações de retalho (tipicamente de menor montante), são utilizados modelos de *scoring* específicos para as principais carteiras de crédito (e.g. crédito à habitação, crédito individual e cartões de crédito), diferenciando a análise dos clientes consoante a antiguidade do seu relacionamento com a instituição.

No segmento de Negócios é aplicado um modelo de *scoring*, que analisa não apenas a qualidade creditícia do negócio, mas também a dos respetivos promotores.

No segmento de Empresas os clientes são classificados de acordo com o modelo interno de *rating* que inclui quatro componentes de análise:

- (i) quantitativa (informação económico-financeira);
- (ii) qualitativa (qualidade de gestão e de reputação);
- (iii) sectorial;
- (iv) comportamental (relacionamento com a banca).

O princípio de envolvimento da análise de risco de crédito baseia-se na materialidade das operações. Estão definidos limites para empresas, por montantes de operação e de exposição global, para a obrigatoriedade de parecer por analistas de crédito independentes da decisão comercial. Estes pareceres dispõem de conteúdo diferenciado consoante a dimensão dos clientes e das exposições, incorporando maior volume de análise no caso de maiores exposições.

Os pareceres integram a classificação interna de risco, o limite de exposição atribuído para o prazo da operação, tendo em conta a capacidade de geração de *cash-flows* pela empresa e os seus encargos financeiros.

As estratégias aplicadas na gestão do risco da instituição têm em conta os requisitos de capital associados às operações, através da definição das regras de decisão e do *pricing* do crédito.

O *pricing* das operações ativas reflete a respetiva perda esperada, assim como o custo do capital alheio e do capital próprio e ainda os custos administrativos. Na quantificação da referida perda esperada, consideram-se as probabilidades marginais de incumprimento para o prazo da operação, associadas às classes internas de risco, bem como a severidade da perda, quantificada através de estimativas de mercado, tendo em conta os tipos de crédito e de colaterais. O *pricing* reflete, ainda, o nível de relacionamento comercial com clientes e associados do Montepio Geral Associação Mutualista.

Permite-se ultrapassagem da resposta dos sistemas de *scoring*, *ratings* internos e das tabelas de pré-juízo interno, apenas por níveis de decisão mais elevados, de acordo com princípios de delegação de competências estabelecidos. As situações de rejeição são definidas de modo a minimizar o risco de seleção adversa, sendo que existe sempre, pelo menos, uma classe de risco de rejeição.

As rejeições de crédito são assim determinadas pela ocorrência de eventos de crédito no sistema financeiro, incumprimento de regras de crédito (e.g. taxa de esforço) e sempre que a incorporação do risco no *pricing* agrava significativamente o risco de seleção adversa.

Estão também definidos limites de intervenção dos diferentes escalões de decisão, por montante de operação e de exposição global de cliente, tipo de operação/colateral e *pricing/ROE* (*Return on Equity*). Neste âmbito, releva-se o princípio de que os níveis hierárquicos mais elevados dispõem de competência para aprovar operações com menor ROE ajustado de risco ou maiores exposições. Estes limites são aprovados pelo C.A.. O escalão de decisão mais elevado corresponde ao Conselho de Administração, que exerce esta competência em Conselho de Crédito, onde têm assento, entre outros, os responsáveis de primeira linha das Direções Comerciais e da DRI.

No domínio do **risco de mercado**, o Value-at-Risk (VaR) e os testes de cenários extremos são elementos fundamentais de análise e definição de limites de exposição. A atividade financeira é monitorizada através de relatórios das carteiras de títulos e de risco de contraparte, com frequência semanal. Encontram-se também em vigor limites de stop-loss e de exposição (por classe de ativos, carteira, contraparte, níveis de rating e prazo). São ainda definidos limites para produtos mais complexos e por divisas. Nestes relatórios efetua-se o controlo dos diversos limites de exposição e são analisados os riscos de concentração, de crédito, de taxa de juro e de variação de preços dos ativos, entre outros. Estas análises contemplam diversos cenários, como por exemplo variações de taxas de juro, de *spreads*, de mercado e de qualidade de crédito das contrapartes.

No que diz respeito ao **risco de liquidez** e **risco de taxa de juro**:

- Calculam-se regularmente os gaps estáticos e dinâmicos a 12 meses em reportes mensais (no caso do risco de liquidez) e semestrais (no caso do risco de taxa de juro) enviados ao Banco de Portugal. Neste âmbito, são também realizados exercícios de simulação sobre potenciais eventos adversos.
- A situação de liquidez, e sua evolução, é acompanhada diariamente a nível interno e mensalmente no Comité ALCO, onde são também abordados os riscos de balanço de médio e longo prazo. Assim, além dos *mismatches* é analisada a concentração de *funding*, os principais reembolsos previstos de passivo, as fontes de financiamento existentes e potenciais e impactos causados por cenários adversos.
- A análise do risco de taxa de juro, a caracterização do balanço e a análise da sensibilidade da margem e resultados aos diversos fatores de risco são também pontos analisados mensalmente neste comité.
- Paralelamente, a CEMG tem vindo a calcular as métricas definidas por Basileia III, bem como a acompanhar todos os desenvolvimentos ao nível deste tema. Desta forma, já são apurados regularmente os rácios estabelecidos com vista a adaptar-se às novas exigências.

Ao nível do **risco operacional** o sistema de gestão de risco implementado baseia-se na identificação, avaliação, monitorização, mitigação, medição e reporte deste tipo de risco. Na

estrutura organizacional da CEMG, existe um órgão exclusivamente dedicado à gestão do risco operacional, complementado pela existência de interlocutores de risco operacional nas diversas entidades do grupo e respetivas unidades orgânicas.

No que respeita à fase de identificação e avaliação, prosseguiram-se em 2011 os trabalhos de divulgação da cultura de gestão de risco operacional, com a realização de uma formação *e-learning* sobre Gestão de Risco Operacional, de revisão dos mapas de atividades, riscos e controlos com a respetiva autoavaliação anual e matriz de tolerância ao risco, assim como a avaliação do perfil de risco operacional para novos produtos, processos e atividades.

Na fase de monitorização, as principais atividades consistiram no reforço do processo de captura de eventos de perda derivada de risco operacional, designadamente através do alargamento das fontes de captura e de reporte, na implementação dos KRI (*Key Risk Indicators*) gerais relacionados com sistemas, na avaliação da exposição ao Risco Operacional em sede de Comité de Risco e Controlo Interno e na elaboração de relatórios periódicos sobre o perfil de risco operacional da Instituição.

No âmbito da fase de mitigação foram sugeridos Planos de Ação para os riscos mais significativos, identificados com base nas principais ferramentas de gestão de risco operacional.

Em termos de medição, a CEMG utiliza o Método *Standard* (TSA) para efeitos de cálculo de requisitos mínimos de fundos próprios para cobertura de risco operacional, desde 30 de Junho de 2010. Decorrente da integração das novas entidades no perímetro de consolidação, encontra-se em fase de implementação um plano de *roll-out* para extensão do método *standard* às novas entidades do grupo, designadamente, na Finicrédito, na Finivalor e no Finibanco Angola.

O **Plano de Continuidade de Negócio** encontra-se em fase revisão e de implementação, constituindo um elemento mitigador de risco que permite assegurar a continuidade das operações no caso de ocorrência de um evento que provoque interrupção da atividade.

Encontram-se, também, regulamentados comités internos com incidência na gestão dos riscos, designadamente o Comité de Riscos e Controlo Interno (frequência mensal), no qual a DRI assegura a coordenação, a apresentação dos indicadores e informação de risco relevantes. Em acréscimo, a DRI integra o Comité ALCO, o Comité de Investimentos da Futuro (que toma decisões de gestão sobre o Fundo de Pensões do Montepio), bem como a Comissão de Acompanhamento do Fundo de Pensões.

2.3 Âmbito e natureza dos sistemas de informação e medição do risco

A análise de risco envolve igualmente o reporte interno regular sobre os principais tipos de risco, para o C.A. e as áreas de negócio envolvidas. No âmbito do risco de crédito são elaborados reportes internos mensais, com informação desagregada por Direcção Comercial, com os principais indicadores de risco das carteiras de crédito e métricas sobre a utilização dos modelos de risco. Em acréscimo efetua-se um reporte semestral, com informação de risco mais agregada, sendo que, para discussão e acompanhamento em Conselho de Crédito, é preparada uma *watchlist*, sintetizando as exposições que merecem maior acompanhamento e atuação. É ainda preparado um relatório semanal de risco de exposição a contrapartes.

No domínio do **risco de mercado**, em acréscimo ao relatório semanal de risco da carteira global da CEMG, são igualmente realizados relatórios de risco semanais relativos à carteira de negociação, bem como às carteiras proprietárias de ativos disponíveis para venda, e relatórios mensais das carteiras dos Fundos de Pensões. Estes relatórios integram informação sobre risco de mercado (e.g. *Value-at-Risk*), risco de crédito (*ratings* externos e *CreditVaR*), cumprimento dos limites de exposição e de risco, *stop-loss* e composição das carteiras por *ratings*, país, tipos de títulos e emitentes.

Ao nível do risco operacional são produzidos um conjunto de relatórios de acompanhamento com periodicidade definida trimestral e anual em função dos destinatários. Adicionalmente a ferramenta informática GIRO (Gestão Integral do Risco Operacional) integra também um módulo de *reporting* destinado exclusivamente à emissão de relatórios, baseados nos dados das fases de Identificação e Monitorização do Ciclo de Gestão do Risco Operacional implementado na CEMG, organizados e disponibilizados para os diferentes utilizadores de acordo com o respetivo perfil.

Relativamente às metodologias de análise, no âmbito do risco de crédito, as técnicas e modelos de controlo de risco assentam em modelizações econométricas, tendo por base a experiência da instituição na concessão de diversos tipos de crédito e, sempre que possível, também ao nível da recuperação.

Utilizam-se assim modelos de *rating* interno para o segmento de empresas e de *scoring* reativo para crédito de retalho e negócios. No domínio do crédito a empresas e negócios, os modelos são diferenciados para o sector da construção e para os restantes sectores, enquanto no crédito de retalho são utilizados modelos específicos para as principais carteiras de crédito – crédito à habitação, crédito individual e cartões de crédito – distinguindo a análise de clientes com antiguidade superior a um ano face aos restantes.

Os modelos de *rating* interno classificam as empresas em 7 classes de risco *performing* e uma última em incumprimento¹.

Os modelos de *scoring* reativo, de crédito à habitação e de crédito individual, dispõem de uma escala que integra 10 classes para cada uma daquelas carteiras, agregando em ambos os casos os clientes e os não clientes. O *scoring* reativo de cartões de crédito classifica as propostas de crédito em 4 classes de risco.

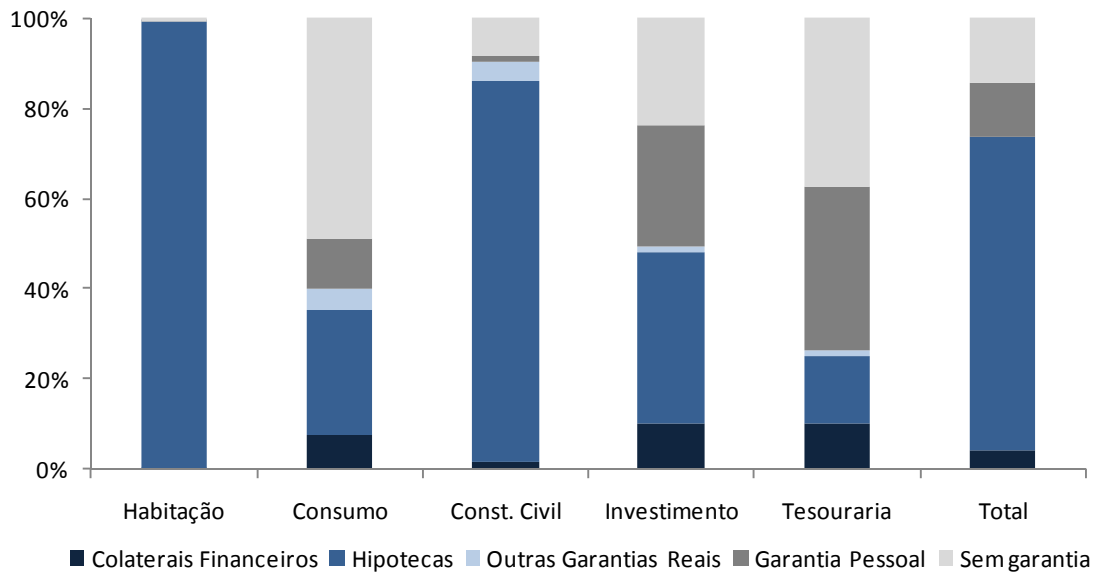
2.4 Políticas de cobertura e redução do risco

A imposição de colaterais depende da dimensão da perda inesperada, ocorrendo tipicamente em operações de maior volume, especialmente no financiamento à construção e à aquisição de habitação. Quando as operações envolvem colaterais reais, o rácio financiamento/garantia é considerado para efeitos de *pricing*, como um indicador da severidade da perda potencial.

¹ Embora a sétima classe de risco incorpore também empresas que se encontram incumprimento no sistema financeiro português, apesar de *performing* no Montepio.

Para os diferentes tipos de crédito são definidas políticas de cobertura distintas, sendo a distribuição dos tipos de garantias por segmento da carteira de crédito a seguinte:

Gráfico 1 – Distribuição dos tipos de garantias por segmento de crédito ²



A mitigação de risco por via da colateralização das operações é considerada no *pricing* das operações, seja através do risco de crédito do mutuário (e.g. nos casos de colaterais reais), seja por via de redução do valor em exposição, quando se está perante colaterais financeiros (caso em que se releva o risco de mercado dos ativos envolvidos).

A exigência de garantias pessoais ocorre, em regra, em operações de crédito de retalho sempre que o cliente não dispõe de condições financeiras para suportar os encargos do financiamento a conceder, enquanto em crédito a empresas sucedem regularmente em operações de maior valor, envolvendo empresas de menor dimensão e sempre que se entende mitigar adicionalmente o risco, face ao nível de colateralização das operações.

3. Adequação de Capitais

3.1 Fundos Próprios detidos

Os Fundos Próprios totais de uma Instituição de Crédito, para efeitos de solvabilidade, são constituídos por Fundos Próprios de base e complementares, deduzidos dos elementos negativos dos mesmos.

Por Fundos Próprios de Base (Tier 1) entende-se:

- Capital realizado;
- Prémios de emissão de ações e de títulos de participação;
- Reservas legais, estatutárias e outras formadas por resultados não distribuídos;
- Resultados positivos do exercício em curso e anteriores, líquidos de provisões, amortizações, impostos e dividendos previsíveis.

Por Fundos Próprios Complementares (Tier 2) entende-se:

² Os valores considerados em garantia pessoal correspondem a operações sem qualquer outro tipo de colateralização.

Upper Tier 2

- Diferenças de reavaliação positivas em títulos de capital classificados como ativos disponíveis para venda;
- Reservas de reavaliação do ativo imobilizado;
- Outras reservas autorizadas;
- Passivo subordinado com vencimento indeterminado;

Lower Tier 2

- Empréstimos subordinados;
- Parte liberada de Ações preferenciais remíveis;

Por elementos negativos dos Fundos Próprios entende-se:

- Ações próprias;
- Ativos detidos pela Instituição que integram os fundos próprios de outrem;
- Imobilizações incorpóreas;
- Resultados negativos do exercício em curso e anteriores;
- Valor relativo a depósitos apurados segundo a instrução 28/2011 do Banco de Portugal;
- Reservas de reavaliação negativas em títulos de capital.

3.2 Afetação do capital interno

O apuramento dos requisitos de capital para risco de crédito e de mercado, da CEMG em 31 de Dezembro de 2011, foi determinado de acordo com o método padrão. Para o risco operacional o cálculo foi efetuado de acordo com o método *Standard* para a CEMG e MG Cabo Verde, e de acordo com o Método do Indicador Básico para o Finibanco, Finicrédito e Finibanco Angola. Este apuramento está em conformidade com a regulamentação do Banco de Portugal (Avisos n.ºs 5/2007, 8/2007 e 9/2007, respetivamente).

O quadro seguinte apresenta a distribuição dos requisitos de capital pelos diversos tipos de risco:

Quadro 1 – Requisitos de Fundos Próprios por Tipo de Risco

(milhares de euros)

	Risco de crédito	Risco de mercado	Risco operacional ^(a)	Total
Dez-10	767.097	1.721	55.495	824.313
Dez-11	1.004.835	4.420	71.243	1.080.498

Dos requisitos de capital para risco de crédito e de contraparte, cerca de 93% correspondem à carteira de crédito.

3.3 Adequação de Fundos Próprios

O Grupo Montepio tem procurado dotar a CEMG com um nível de capital adequado à evolução do seu negócio e que lhe assegure indicadores de solvabilidade satisfatórios e compatíveis com as recomendações prudenciais.

O Capital Institucional da CEMG, o principal componente dos Fundos Próprios, tem sido reforçado de forma continuada nos últimos anos como consequência dos resultados positivos

que a CEMG vem gerando e distribuindo para a Associação Mutualista. Durante o ano de 2011 o Capital Institucional foi elevado em 445 milhões de euros (de 845 para 1.245 milhões de euros). Este aumento foi efetuado em duas fases, sendo que numa primeira fase, em Março, se verificou um aumento de 345 M€ associado à operação de aquisição do Finibanco Holding. Em Dezembro verificou-se um novo aumento de capital de 100 milhões de euros. Estes aumentos de capital anteriormente referidos contribuíram significativamente para que o rácio Core Tier 1 atingisse os 10,21% em Dezembro 2011.

Paralelamente, a CEMG tem assegurado recursos sob a forma de passivos subordinados, os quais integram os Fundos Próprios Complementares e beneficiam o Rácio de Solvabilidade Total. Concluiu-se que a CEMG se encontra adequadamente capitalizada tendo em conta os rácios apresentados anteriormente.

Em face das Linhas de Orientação Estratégicas definidas para o triénio 2011-2013 e do plano de atividade para o ano em curso, não se antecipam alterações significativas na materialidade dos diversos tipos de riscos. No âmbito do risco de crédito, a evolução da atividade sugere que, em relação ao crédito de retalho, se observe um reforço da colateralização de novas operações, reduzindo-se o valor médio do rácio financiamento - garantia, o que poderá permitir menores requisitos de capital. Esta orientação tem vindo a ser implementada nos últimos anos ao nível da política de crédito da instituição.

Em sentido inverso atuará a estratégia de diversificação da atividade, em especial no segmento de empresas, com o reforço da exposição a sectores não relacionados com a construção civil e, desse modo, com a redução do nível de colateralização de novas operações, embora assente numa estratégia de *pricing* que reflita adequadamente os riscos incorridos.

Considera-se que a magnitude de tais efeitos tenderá a aproximar-se em termos de Requisitos de Capital, pelo que será prosseguida uma estratégia de reforços graduais de capital, com o intuito de manter níveis de solvabilidade em conformidade com o Aviso 3/2011 do Banco de Portugal, nomeadamente, Rácio Core Tier I não inferior a 10% em Dez-12.

O rácio Core Tier I do Montepio apresentava-se, em Dezembro de 2011, acima dos valores observados pelas principais instituições bancárias portuguesas, conforme ilustra o quadro 2, assim como já acima do valor mínimo estabelecido pelo Banco de Portugal para Dez-2012.

Quadro 2 – Comparação do Rácio Core Tier I com principais bancos

Banco	Rating Moody's	Activos (milhões € 2011)	Rácio Core Tier 1			
			2011	2010	2009	2008
Montepio	Ba3	21.495	10,2	9,3	9,5	7,9
Máximo ⁽¹⁾		120.728	9,5	8,8	8,8	8,0
Mínimo ⁽¹⁾		43.037	9,2	6,7	6,4	5,8
Média ^{(1)*}		87.484	9,4	8,0	7,8	6,6

¹ referente aos quatro maiores Bancos Portugueses

* Ponderada pelo valor dos activos

Apresenta-se seguidamente, nos quadros 3 a 5, a síntese da evolução em 2011 da solvabilidade, considerando apenas os requisitos previstos no denominado Pilar I da regulamentação.

Quadro 3 – Adequação de capitais para efeitos de fundos próprios

Adequação de Capitais - Parte 1		(milhares de euros)	
		Dez-11	Dez-10
1.	Fundos próprios totais para efeitos de solvabilidade	1.831.996	1.324.048
1.1.	Fundos próprios de base	1.393.584	956.212
1.1.1.	Capital elegível	1.245.000	800.000
1.1.1.1.	Capital realizado	1.245.000	800.000
1.1.1.2.	(-) Acções próprias	0	0
1.1.1.3.	Prémios de emissão	0	0
1.1.1.4.	Outros instrumentos equiparáveis a capital	0	0
1.1.2.	Reservas e Resultados elegíveis	122.150	195.630
1.1.2.1.	Reservas	166.248	196.085
1.1.2.2.	Interesses minoritários elegíveis	9.111	0
1.1.2.3.	Resultados do último exercício e resultados provisórios do exercício em curso	0	0
1.1.2.4.	(-) Resultados negativos do último exercício e resultados negativos provisórios do exercício em curso	-51.087	0
1.1.2.5.	Resultados do último exercício e resultados provisórios do exercício em curso	0	0
1.1.2.6.	(-) Lucros líquidos resultantes da capitalização de receitas futuras provenientes de activos titularizados	0	0
1.1.2.7.	Diferenças de reavaliação elegíveis para fundos próprios de base	-2.121	-455
1.1.3.	Fundo para riscos bancários gerais	0	0
1.1.4.	Outros elementos elegíveis para os fundos próprios de base	127.043	23.704
1.1.4.1.	Outros instrumentos elegíveis (48)	15.000	0
1.1.4.2.	Impacto na transição para as NIC/NCA (impacto negativo)	10.367	15.792
1.1.4.3.	Outros elementos elegíveis para os fundos próprios de base	101.677	7.912
1.1.5.	(-) Outros elementos dedutíveis aos fundos próprios de base	-100.610	-63.122
1.1.5.1.	(-) Imobilizações incorpóreas/Activos intangíveis	-90.205	-18.254
1.1.5.2.	(-) Excedente em relação aos limites de elegibilidade de instrumentos incluídos nos fundos próprios de base	0	0
1.1.5.3.	(-) Outros elementos dedutíveis aos fundos próprios de base	-10.406	-44.868
1.2.	Fundos próprios complementares	471.751	405.506
1.2.1.	Fundos próprios complementares - Upper Tier 2	8.950	27.506
1.2.2.	Fundos próprios complementares - Lower Tier 2	462.802	378.000
1.2.3.	(-) Deduções aos fundos próprios complementares	0	0
1.3.	(-) Deduções aos fundos próprios de base e complementares	-30.162	-33.107
1.3.a.	Das quais: (-) Aos fundos próprios de base (82)	-15.081	-16.554
1.3.b.	Das quais: (-) Aos fundos próprios complementares (83)	-15.081	-16.554
1.4.	Fundos próprios de base totais para efeitos de solvabilidade (87)	1.378.503	939.658
1.5.	Fundos próprios complementares totais para efeitos de solvabilidade (88)	456.670	388.952
1.6.	(-) Deduções aos fundos próprios totais (89)	-3.177	-4.562
1.7.	Fundos próprios suplementares totais disponíveis para cobertura de riscos de mercado	0	0
1.8.	Por memória:	0	0
1.8.1.	(+) Excesso / (-) Insuficiência de correcções de valor e de "provisões" nas posições ponderadas pelo risco atr	0	0
1.8.1.1.	Montante de correcções de valor e de "provisões" no método das Notações Internas	0	0
1.8.1.2.	(-) Perdas esperadas determinadas pelo método das Notações Internas	0	0
1.8.2.	Valor nominal dos empréstimos subordinados reconhecidos como elemento positivo dos fundos próprios	0	0
1.8.3.	Requisito mínimo de capital social	0	0
1.8.4.	Fundos próprios de referência para efeito dos limites relativos aos grandes riscos	1.831.996	1.324.048

Quadro 4 – Adequação de capitais para efeitos de requisitos de fundos próprios

(milhares de euros)

Adequação de Capitais - Parte 2		Dez-2011	Dez-2010
2.	Requisitos de fundos próprios	1.080.498	824.313
2.1.	Para risco de crédito, risco de crédito de contraparte, risco de redução dos valores a receber e risco de entrega	1.004.835	767.097
2.1.1.	Método Padrão	1.004.835	767.097
2.1.1.1.	Classes de risco no Método Padrão excluindo posições de titularização	1.004.353	766.340
2.1.1.1.1.	Créditos ou créditos condicionais sobre administrações centrais ou bancos centrais	4.365	11
2.1.1.1.2.	Créditos ou créditos condicionais sobre administrações regionais ou autoridades locais	676	1.780
2.1.1.1.3.	Créditos ou créditos condicionais sobre organismos administrativos e empresas sem fins lucrativos	2.152	1.826
2.1.1.1.4.	Créditos ou créditos condicionais sobre bancos multilaterais de desenvolvimento	0	0
2.1.1.1.5.	Créditos ou créditos condicionais sobre organizações internacionais	0	0
2.1.1.1.6.	Créditos ou créditos condicionais sobre Instituições	56.904	33.533
2.1.1.1.7.	Créditos ou créditos condicionais sobre Empresas	402.477	283.295
2.1.1.1.8.	Créditos ou créditos condicionais sobre a carteira de retalho	94.586	62.380
2.1.1.1.9.	Créditos ou créditos condicionais com garantia de bens imóveis	312.286	317.932
2.1.1.1.10.	Elementos vencidos	65.406	41.167
2.1.1.1.11.	Elementos pertencentes a categorias regulamentares de risco elevado	0	0
2.1.1.1.12.	Obrigações hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	600	431
2.1.1.1.13.	Posições em risco sobre organismos de investimento colectivo (OIC)	26.701	458
2.1.1.1.14.	Outros elementos	38.201	23.527
2.1.1.2.	Posições de titularização no Método Padrão	482	757
2.1.1.3.	(-) Provisões para risco gerais de crédito	0	0
2.2.	Risco de liquidação	0	0
2.3.	Requisitos de fundos próprios para riscos de posição, riscos cambiais e riscos de mercadorias	4.420	1.721
2.3.1.	Método Padrão	4.420	1.721
2.3.1.1.	Instrumentos de dívida	3.358	1.331
2.3.1.2.	Títulos de capital	1.063	389
2.3.1.3.	Riscos cambiais	0	0
2.3.1.4.	Risco de mercadorias	0	0
2.4.	Requisitos de fundos próprios para risco operacional	71.243	55.495
2.4.1.	Método do Indicador Básico	5.939	0
2.4.2.	Método Padrão	65.304	55.495
2.4.3.	Métodos de Medição Avançada	0	0
2.5.	Requisitos de fundos próprios - Despesas gerais fixas	0	0
2.6.	Requisitos transitórios de fundos próprios ou outros requisitos de fundos próprios	0	0

Quadro 5 – Adequação de Capitais

(milhares de euros)

Adequação de Capitais - Parte 3	Dez-2011	Dez-2010
Excesso (+) / Insuficiência (-) de fundos próprios	751.498	499.735
Rácio de Solvabilidade (%)	13,56%	12,85%

4. Risco de Crédito de Contraparte

4.1 Limites de exposição

Encontram-se definidos diversos limites para os principais riscos enfrentados na atividade. No domínio do risco de crédito de contraparte, são especialmente ponderados os limites dos grandes riscos, sendo impostos limites para a exposição através de mercado monetário, baseados no *rating* das instituições e na dimensão dos seus resultados.

4.2 Políticas de avaliação de garantias recebidas

Dada a qualidade do crédito das contrapartes e o nível limitado de exposições, não são exigidas garantias para estas operações.

4.3 Informação quantitativa

Conforme ilustrado no quadro 6, as exposições com risco de contraparte na CEMG apresentam um peso reduzido face à carteira total (abaixo dos 10% do total de exposição), sendo maioritariamente as contrapartes associadas a instituições financeiras.

Quadro 6 – Risco de Crédito de Contraparte

(milhares de euros)

	Posição em risco original	Técnicas de redução do risco de crédito com efeito de substituição na posição em risco original líquida (a)	Valor da posição em risco totalmente ajustado	Montante da posição ponderada pelo risco	
				Dez-11	Dez-10
				1	2
Operações de recompra, contração/concessão de empréstimos de valores mobiliários ou de mercadorias, operações de liquidação longa ou operações de empréstimos com imposição de margem	11.210	0	11.210	2.242	1.227
Instrumentos derivados	111.609	0	111.609	22.591	35.984
Compensação contratual multiproduto	0	0	0	0	0

(a) Efeito de substituição na posição em risco, correspondente ao líquido entre "saídas" e "entradas".

No cálculo do valor da posição em risco – relativamente a instrumentos derivados, operações de recompra, contração ou concessão de empréstimos de valores mobiliários ou de mercadorias, operações de liquidação longa e operações de concessão de empréstimos com imposição de margem – é utilizado o Método de Avaliação ao Preço de Mercado (*Mark-to-Market*), definido na Parte 3 do Anexo V do Aviso n.º 5/2007 do Banco de Portugal. Este método consiste em adicionar ao valor de mercado da posição o seu valor potencial futuro. Este valor resulta da multiplicação do notional por um fator prudencial definido em função do tipo de contrato e do seu vencimento residual.

À data de 31-12-2011, a CEMG não tinha valores em operações de cobertura de risco de crédito através do recurso a instrumentos derivados de crédito, conforme quadro 7.

Quadro 7 – Coberturas com Derivados de Crédito

(milhares de euros)

Classes de Risco (objecto de cobertura)	Posição em risco original (objecto de cobertura)		Montante Coberto por Derivados de Crédito					
	2011	2010	CDS (1)	TRS (2)	CLN (3)	Outros	Total	
							2011	2010
	1	2	3	4	5	6	7=3+4+5+6	8
CL I - Administrações Centrais ou Bancos Centrais								
CL VI - Instituições								

CL I - Administrações Centrais ou Bancos Centrais

CL VI - Instituições

(1) CDS: Credit Default Swaps - Swaps de risco de incumprimento.

(2) TRS: Total Return Swaps - Swaps de retorno total

(3) CLN - Credit Linked Notes - Títulos de dívida indexados a crédito

Na mesma data a CEMG tinha a seguinte exposição a instrumentos derivados de crédito (considerando o valor de mercado):

Quadro 8 – Instrumentos Derivados de Crédito

(milhares de euros)

Operações relativas a derivados de crédito	Posições Longas		Posições Curtas	
	2011	2010	2011	2010
I. Carteira de Crédito (totais):				
a) Swaps de risco de incumprimento (credit default swaps)	1.198	765	4.418	1.516
b) Swaps de retorno total (total return swaps)				
c) Títulos de dívida indexados a crédito (credit linked notes)	8.520	4.681		
d) Outros derivados de crédito				
II. Atividades de Intermediação (totais):				
a) Swaps de risco de incumprimento (credit default swaps)				
b) Swaps de retorno total (total return swaps)				
c) Títulos de dívida indexados a crédito (credit linked notes)				
d) Outros derivados de crédito				
Posições Longas - Valor teórico da protecção adquirida				
Posições Curtas - Valor teórico da protecção vendida				

5. Risco de Crédito

5.1 Definições

Para efeitos contabilísticos designa-se por:

- **Crédito Vencido:** todas as prestações de capital e juros que não tenham sido regularizadas na data do seu vencimento;
- **Crédito Objeto de Imparidade:** todos os créditos que, de harmonia com a análise efetuada, de forma individual, aos Créditos Individualmente Significativos ou coletiva, aos incluídos nas Populações Homogéneas, apontam para expectativas de perda ou apresentem indicadores de imparidade, os quais estão definidos em modelo interno (incluem designadamente crédito vencido, crédito reestruturado e registo como utilizador de risco na Base de Dados do Banco de Portugal, etc...);
- **Crédito em Incumprimento:** todos os contratos de crédito que apresentem prestações em atraso;
- **Correções de valor:** decorrem da constituição de provisões regulamentares sobre posições da carteira da CEMG. Na data do reconhecimento inicial, os créditos são registados pelo valor nominal, em harmonia com os procedimentos definidos no Aviso n.º 1/2005, do Banco de Portugal.

As correções de valor registadas nos exercícios de 2010 e 2011 atingiram os montantes de 522 M€ e 770 M€, respetivamente. Por sua vez, os montantes recuperados nos exercícios de 2010 e 2011 atingiram os montantes de 412 M€ e 444 M€, respetivamente (conforme quadro 9).

Quadro 9 – Correções de Valor e Provisões

(milhares de euros)

Correções de Valor e Provisões	Dez-2011	Dez-2010
Saldo Inicial	521.811	493.913
Dotações	593.894	525.338
Utilizações	-43.065	-85.093
Transferências / Outras	141.838	
Reposições/Anulações	-444.002	-412.347
Saldo Final	770.476	521.811

5.2 Estrutura da carteira

Na distribuição das posições em risco da carteira de crédito por classe de risco, verifica-se uma maior concentração nas classes de Posições com Garantia de Bens Imóveis e Empresas, à semelhança do ano anterior (quadro 10). A diminuição na classe “Elementos Vencidos” é consequência do aumento de provisionamento ocorrido no exercício. Registou-se um aumento significativo na posição em risco original na classe “Administrações Centrais e Bancos Centrais” devido ao forte investimento em dívida soberana, embora sem impacto nos requisitos de capital.

Quadro 10 – Distribuição das posições em risco do ativo por classes de risco

Classes de Risco	(milhares de euros)			
	Posição em Risco Original		Posição em Risco Original (média ao longo do período)	
	Dez-2011	Dez-2010	Dez-2011	Dez-2010
CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	1.715.596	1.347.071	1.660.611	741.532
CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	42.560	51.058	48.794	44.001
CL III - Orgs. administrativos e empresas sem fins lucrativos	27.594	64.659	37.937	39.876
CL IV - Bancos multilaterais de desenvolvimento	0	0	0	0
CL V - Organizações internacionais	0	0	0	0
CL VI - Instituições	1.270.131	1.283.219	1.246.329	1.099.850
CL VII - Empresas	5.555.798	3.948.280	4.809.902	3.586.412
CL VIII - Carteira de retalho	1.973.405	1.394.491	2.221.820	1.687.260
CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	9.802.745	9.949.429	9.874.762	10.056.930
CL X - Elementos vencidos	688.811	438.472	555.372	534.258
CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	22.328	26.904	27.278	22.699
CL XII - Posições em risco sobre OIC	333.761	5.728	76.073	7.072
CL XIII - Outros elementos	968.510	429.901	749.345	420.258
Posições de titularização no Método Padrão	15.278	22.834	17.883	19.807
TOTAL	22.416.516	18.962.046	21.326.104	18.259.954

Analisando a distribuição geográfica da carteira de crédito, de acordo com as Unidades Territoriais para Fins Estatísticos de Nível II (NUTS II), constata-se que permanece uma maior concentração nas zonas com maior densidade populacional (Lisboa, Norte e Centro), tendo a CEMG presença comercial na generalidade das regiões do país (quadro 11).

Quadro 11 – Distribuição geográfica das posições em risco da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original)

Ano	Classes de Risco	Distribuição Geográfica das Posições em Risco (em % da posição em risco original)							
		Lisboa	Norte	Centro	Algarve	Alentejo	Açores	Madeira	Angola
2010	CL II - Administrações Regionais ou Autoridades Locais	0,12%	0,00%	0,04%	0,00%	0,00%	0,01%	0,14%	-
	CL III - Organismos Administrativos e Empresas Sem Fins Lucrativos	0,01%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	-
	CL VI - Instituições	1,06%	0,00%	0,07%	0,01%	0,01%	0,00%	0,00%	-
	CL VII - Empresas	11,27%	4,64%	3,53%	1,29%	0,77%	0,48%	0,83%	-
	CL VIII - Carteira de Retalho	3,02%	2,54%	1,66%	0,45%	0,39%	0,42%	0,21%	-
	CL IX - Posições com Garantias por Bens Imóveis	27,44%	15,58%	8,88%	3,32%	2,84%	2,23%	1,69%	-
	CL X - Elementos Vencidos	2,20%	1,51%	0,83%	0,15%	0,17%	0,08%	0,06%	-
	TOTAL	45,13%	24,30%	15,02%	5,24%	4,18%	3,22%	2,92%	-
2011	CL I - Administrações Centrais ou Bancos Centrais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL II - Administrações Regionais ou Autoridades Locais	0,10%	0,00%	0,04%	0,00%	0,00%	0,02%	0,06%	0,00%
	CL III - Organismos Administrativos e Empr	0,00%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL VI - Instituições	1,25%	0,01%	0,10%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL VII - Empresas	12,39%	6,54%	4,65%	1,57%	0,76%	0,46%	0,71%	0,39%
	CL VIII - Carteira de Retalho	3,12%	3,55%	2,29%	0,71%	0,46%	0,35%	0,16%	0,05%
	CL IX - Posições com Garantias por Bens Ir	23,32%	13,22%	7,75%	2,96%	2,41%	1,90%	1,43%	0,00%
	CL X - Elementos Vencidos	2,69%	2,49%	1,27%	0,34%	0,27%	0,07%	0,08%	0,02%
TOTAL	42,87%	25,82%	16,10%	5,60%	3,91%	2,79%	2,44%	0,47%	

Relativamente à distribuição por sector de atividade da carteira de crédito a empresas (quadro 12), destaca-se principalmente o sector da Construção, embora registando uma diminuição do respetivo peso em cerca de -8.5 p.p. face a Dez-10. Verifica-se também um peso relevante nos sectores de Atividades Imobiliárias e de Comércio, registando este último um ligeiro aumento (cerca de +2.4 p.p.) face ao período homólogo.

Quadro 12 – Distribuição sectorial das posições em risco da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original)

Ano	Classes de Risco	Sector Secundário			Sector Terciário							
		Sector Primário	Construção	Outros	Activ. Imob.	Comércio por Grosso e a retalho	Act. Financ. e de Seguros	Aloj., Rest. e Similares	Transp. e Armazenagem	Sector Público ⁽¹⁾	Act. Consultoria, Científicas, Técnicas e similares	Outros
2010	CL II - Administrações Regionais ou Autoridades Locais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,88%	0,00%	0,00%
	CL III - Organismos Administrativos e Empresas Sem Fins Lucrativos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,05%
	CL VI - Instituições	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,25%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL VII - Empresas	0,42%	25,40%	6,60%	8,24%	7,98%	2,29%	2,19%	2,67%	1,15%	1,89%	3,03%
	CL VIII - Carteira de retalho	0,09%	2,00%	0,87%	0,89%	2,17%	0,07%	0,81%	0,23%	0,51%	0,66%	0,98%
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0,02%	10,79%	0,41%	4,21%	1,37%	0,09%	0,68%	0,03%	0,20%	0,14%	0,39%
	CL X - Elementos Vencidos	0,01%	3,49%	0,57%	1,06%	0,56%	0,02%	0,17%	0,13%	0,05%	0,09%	0,17%
	TOTAL	0,54%	41,68%	8,46%	14,41%	12,08%	5,72%	3,86%	3,06%	2,80%	2,78%	4,62%
2011	CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,55%	0,00%	0,00%
	CL III - Organismos Administrativos e Empresas Sem Fins Lucrativos	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,05%
	CL VI - Instituições	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,33%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%
	CL VII - Empresas	0,95%	21,07%	9,49%	7,65%	9,60%	4,12%	2,24%	2,62%	1,18%	1,66%	3,93%
	CL VIII - Carteira de retalho	0,17%	1,65%	1,07%	0,85%	2,37%	0,09%	0,81%	0,35%	0,48%	0,62%	1,06%
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0,04%	6,38%	0,37%	3,51%	1,09%	0,28%	0,66%	0,04%	0,27%	0,09%	0,47%
	CL X - Elementos vencidos	0,07%	4,05%	0,99%	1,30%	1,44%	0,06%	0,25%	0,17%	0,03%	0,11%	0,37%
TOTAL	1,23%	33,15%	11,92%	13,31%	14,51%	7,88%	3,97%	3,17%	2,51%	2,48%	5,87%	

(1) Administração Pública e Defesa; Segurança Social Obrigatória; Actividades de saúde humana e apoio social

Conforme se verifica no quadro seguinte, em termos de distribuição por prazo de vencimento residual, cerca de 50% dos ativos são de longo prazo (vencimento residual superior a 10 anos). Estes ativos estão, na sua maioria, classificados na classe “Posições com Garantia de Bens Imóveis” e consistem em créditos à habitação de particulares e crédito para investimento de empresas. A parte da carteira sem plano de pagamento definido, correspondendo a cerca de 16% do total da posição em risco original, consiste grosso modo em contas correntes para apoio à tesouraria de empresas (crédito *revolving*).

Quadro 13 – Prazo de vencimento residual da carteira de crédito por classes de risco (em % da posição em risco original)

Ano	Classes de Risco	Prazo de Vencimento Residual (em % da posição em risco original)				Revolving
		VR < 1	1 ano < VR < 5 anos	5 anos < VR < 10 anos	VR > 10 anos	
2010	CL II - Administ. regionais ou autoridades locais	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,1%
	CL III - Organismos Administrativos e Empresas Sem Fins Lucrativos	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	CL VI - Instituições	0,2%	0,3%	0,0%	0,0%	0,6%
	CL VII - Empresas	5,9%	3,0%	2,8%	1,7%	9,5%
	CL VIII - Carteira de retalho	1,8%	1,4%	2,1%	0,6%	2,8%
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0,9%	0,7%	2,5%	53,6%	4,4%
	CL X - Elementos vencidos	0,6%	0,2%	0,4%	2,5%	1,3%
	em % do total da posição em risco original	9,4%	5,6%	7,9%	58,4%	18,6%
2011	CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	CL II - Administ. regionais ou autoridades locais	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%
	CL III - Organismos Administrativos e Empresas Sem Fins Lucrativos	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
	CL VI - Instituições	0,5%	0,3%	0,0%	0,0%	0,6%
	CL VII - Empresas	9,0%	3,8%	4,1%	2,2%	8,5%
	CL VIII - Carteira de retalho	2,0%	2,7%	2,4%	1,1%	2,5%
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0,6%	0,6%	2,8%	45,7%	3,2%
CL X - Elementos vencidos	1,6%	0,6%	0,6%	2,8%	1,6%	
	em % do total da posição em risco original	13,6%	7,9%	10,2%	51,8%	16,3%

5.3 Risco de concentração

Conforme referido, a CEMG tem em curso uma estratégia de diversificação da sua atividade, no sentido de reduzir o peso da exposição ao sector imobiliário. O impacto do risco de concentração sobre os requisitos de fundos próprios é aferido através de uma abordagem assente no cálculo de índices de concentração (IC) sectorial e individual, de acordo com a Instrução n.º 5/2011 do Banco de Portugal.

O IC individual³ é calculado com base nas 100 maiores exposições em carteira, agregadas por cliente/grupo económico. O peso destas exposições a 31-Dez-2011 correspondia a cerca de 13% da carteira de crédito e a 16% do total da carteira⁴.

Relativamente ao IC sectorial⁵, o mesmo é calculado a partir da classificação de atividades económicas (CAE) associada às contrapartes em carteira.

Quadro 14 – Índices de Concentração

	Carteira de Crédito		Carteira Total	
	Dez-11	Dez-10	Dez-11	Dez-10
IC Individual	0,19	0,19	0,29	0,24
IC Sectorial	17,0	22,6	15,5	18,8

³ Índice Concentração Individual = $\sum x^2 / (\sum x \cdot \sum y) \cdot 100$, em que x representa o valor da exposição total a cada contraparte/grupo económico pertencente às 100 maiores contrapartes da Instituição, e $\sum y$ corresponde ao total de exposição da carteira.

⁴ Carteira Total = Carteira de Crédito + Carteiras sujeitas à constituição de requisitos de capital (incluindo AFS – Available for Sale, HTM – Held to Maturity, Trading e de cobertura de balanço).

⁵ Índice Concentração Sectorial = $\sum x^2 / (\sum x)^2 \cdot 100$, em que x representa o total das exposições a cada sector de atividade económica.

A redução do IC sectorial em Dez.11 face a Dez.10 espelha a estratégia de diversificação do negócio que a Instituição tem vindo a aplicar em todas as carteiras, tanto a nível dos sectores de atividade, como na natureza dos próprios ativos.

Relativamente à distribuição das maiores exposições por país, constata-se que a carteira mantém-se essencialmente concentrada em Portugal (quadro 15).

Quadro 15 – Distribuição das Posições em Risco da Carteira Total por país

(milhares de euros)

País	Exposição sobre País		% Carteira Total	
	Dez-11	Dez-10	Dez-11	Dez-10
Portugal	18.692	16.143	95,5%	94,7%
Espanha	136	119	0,7%	0,7%
EUA	97	112	0,5%	0,7%
Itália	88	109	0,4%	0,6%
Irlanda	75	94	0,4%	0,6%
Grã-Bertanha	108	83	0,6%	0,5%
França	73	62	0,4%	0,4%
Outros	296	329	1,5%	1,9%
Total	19.565	17.052		

5.4 Crédito vencido e em imparidade

A distribuição das posições vencidas e respetivas provisões por imparidade por sector de atividade do segmento de crédito a empresas reflete a concentração da atividade nos segmentos de Construção, Atividades Imobiliárias e Comércio.

Em termos da distribuição geográfica das posições com crédito vencido (quadro 16), verifica-se, tal como para o total das posições a 31 de Dezembro de 2010, uma maior concentração nas zonas da Grande Lisboa e Norte, refletindo a estrutura geográfica da carteira total.

Quadro 16 – Repartição das posições em risco vencidas e objeto de imparidade

		Total das posições	% Posições em Risco Vencidas	% de Cobertura por Provisões de Imparidade	
Dez-10	Decomposição pelos principais Sectors (do segmento Empresas)	Sector Primário	0,1%	36,8%	
		Sector Secundário	Construção	55,2%	32,3%
			Outros	9,0%	40,0%
			Sector Terciário	35,8%	29,5%
		Sector Terciário	Actividades imobiliárias	16,8%	33,7%
			Comércio por Grosso e a Retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos	8,8%	33,9%
			Alojamento, Restauração e Similares	2,7%	48,6%
			Outros	2,6%	84,9%
			Transportes e Armazenagem	2,1%	33,0%
			Act. Consultoria, Científicas, Técnicas e similares	1,4%	8,5%
			Adm. Pública e Defesa; Seg. Social Obrig. Activ. Saúde Humana e Apoio Social	0,8%	13,2%
			Actividades Financeiras e de Seguros	0,2%	34,0%
			Total	100,0%	
		Decomposição pelas principais Zonas Geográficas	Lisboa	44,0%	27,3%
			Norte	30,2%	30,1%
Centro	16,6%		30,8%		
Alentejo	3,5%		28,0%		
Algarve	3,1%		35,6%		
R.Autónoma dos Açores	1,6%		23,6%		
R.Autónoma da Madeira	1,1%		27,8%		
Total	100,0%		28,9%		
Dez-11	Decomposição pelos principais Sectors (do segmento Empresas)	Sector Primário	0,8%	35,9%	
		Sector Secundário	Construção	45,8%	36,8%
			Outros	11,2%	38,1%
			Sector Terciário	43,2%	42,7%
		Sector Terciário	Comércio por Grosso e a Retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos	16,3%	36,2%
			Actividades imobiliárias	14,6%	41,1%
			Outros	4,2%	36,9%
			Alojamento, Restauração e Similares	2,8%	53,7%
			Transportes e Armazenagem	1,9%	35,9%
			Act. Consultoria, Científicas, Técnicas e similares	1,3%	52,9%
			Actividades Financeiras e de Seguros	0,7%	37,1%
			Adm. Pública e Defesa; Seg. Social Obrig. Activ. Saúde Humana e Apoio Social	0,3%	38,5%
			Total	100,0%	
		Decomposição pelas principais Zonas Geográficas	Lisboa	37,1%	32,4%
			Norte	34,4%	36,0%
Centro	17,6%		34,2%		
Algarve	4,6%		27,2%		
Alentejo	3,8%		29,9%		
R.Autónoma da Madeira	1,1%		19,7%		
R.Autónoma dos Açores	1,0%		27,5%		
Angola	0,3%		0,0%		
Total	100,0%	33,3%			

5.5 Método Padrão

O apuramento de requisitos de capital de crédito e de contraparte é determinado de acordo com o Método Padrão, conforme definido no Aviso n.º 5/2007 do Banco de Portugal. Consoante a natureza da contraparte, as posições da carteira são distribuídas pelas diversas classes de risco e são utilizados *ratings* fornecidos pelas agências Moody's, S&P e Fitch para atribuição dos respetivos ponderadores de risco.

Esta prática é transversal às classes de risco e a afetação faz-se, em conformidade com o Aviso n.º 5/2007 do Banco de Portugal, da seguinte forma:

- Quando existem em simultâneo *ratings* de agências reconhecidas diferentes, dos dois ponderadores de risco mais reduzidos, aplica-se o segundo que seja mais elevado;
- No caso das obrigações e títulos semelhantes, releva-se o *rating* da emissão ou, apenas nos casos em que este não existe, o *rating* do emitente;
- Os *ratings*, quando existem, são utilizados de forma consistente para todos as posições em risco em todas as classes.

O valor das posições ponderadas pelo risco é apurado com base na exposição ajustada de correções de valor e provisões, e após a aplicação dos ajustamentos relacionados com as técnicas de redução de risco de crédito, nomeadamente a aplicação dos fatores de conversão aos elementos extrapatrimoniais e exercendo as proteções real e pessoal de crédito.

Em Dezembro de 2011, a distribuição da carteira da CEMG pelas diversas classes e ponderadores de risco é apresentada em detalhe no quadro seguinte.

Quadro 17 – Requisitos de Fundos Próprios de Risco de Crédito e de Contraparte

(milhares de euros)

	Ponderadores de Risco									Total	
	0%	10%	20%	35%	50%	75%	100%	150%	Outros		
1. Posição em risco original por classe de risco	CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	1.658.633	0	3.004	0	0	0	53.959	0	0	1.715.596
	CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	0	0	42.560	0	0	0	0	0	0	42.560
	CL III - Orgs. administrativos e empresas sem fins lucrativos	0	4	0	0	0	0	27.590	0	0	27.594
	CL IV - Bancos multilaterais de desenvolvimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL V - Organizações internacionais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL VI - Instituições	0	0	605.963	0	67.775	0	594.367	2.026	0	1.270.131
	CL VII - Empresas	0	0	2.119	0	11.537	0	5.542.142	0	0	5.555.798
	CL VIII - Carteira de retalho	0	0	0	0	0	1.973.405	0	0	0	1.973.405
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0	0	0	8.461.574	597.383	401.801	341.987	0	0	9.802.745
	CL X - Elementos vencidos	0	0	0	0	0	0	423.091	265.720	0	688.811
	CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	0	7.716	1.905	0	12.707	0	0	0	0	22.328
	CL XII - Posições em risco sobre OIC	0	0	0	0	0	0	333.761	0	0	333.761
	CL XIII - Outros elementos	162.468	0	410.669	0	0	0	395.373	0	0	968.510
	Posições de titularização no Método Padrão	0	0	10.763	0	1.288	0	3.226	0	0	15.278
TOTAL posições em risco original:	1.821.101	7.720	1.076.984	8.461.574	690.691	2.375.206	7.715.496	267.745	0	22.416.516	
2. Posição em risco por classe de risco (base de incidência dos ponderadores)	CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	1.658.633	0	3.004	0	0	0	53.959	0	0	1.715.596
	CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	0	0	42.274	0	0	0	0	0	0	42.274
	CL III - Orgs. administrativos e empresas sem fins lucrativos	0	0	2	0	0	0	26.897	0	0	26.899
	CL IV - Bancos multilaterais de desenvolvimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL V - Organizações internacionais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL VI - Instituições	0	0	565.635	0	67.775	0	561.241	2.026	0	1.196.677
	CL VII - Empresas	0	0	2.119	0	11.537	0	5.024.767	0	0	5.038.423
	CL VIII - Carteira de retalho	0	0	0	0	0	1.576.430	0	0	0	1.576.430
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0	0	0	8.461.574	597.383	401.801	341.987	0	0	9.802.745
	CL X - Elementos vencidos	0	0	0	0	0	0	431.121	257.636	0	688.757
	CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	0	7.716	1.905	0	12.707	0	0	0	0	22.328
	CL XII - Posições em risco sobre OIC	0	0	0	0	0	0	333.761	0	0	333.761
	CL XIII - Outros elementos	162.468	0	410.669	0	0	0	395.373	0	0	968.510
	Posições de titularização no Método Padrão	0	0	10.763	0	1.288	0	3.226	0	0	15.278
TOTAL posições em risco:	1.821.101	7.716	1.036.370	8.461.574	690.691	1.978.232	7.172.333	259.662	0	21.427.678	
3. TOTAL das posições ponderadas pelo risco (=S (2."x"ponderadores de risco))	0	772	207.274	2.961.551	345.345	1.483.674	7.172.333	389.492	0	12.560.441	
Requisitos de capital por classe de risco (2."x" ponderadores de risco "x" 8%)	CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	0	0	48	0	0	0	4.317	0	0	4.365
	CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	0	0	676	0	0	0	0	0	0	676
	CL III - Orgs. administrativos e empresas sem fins lucrativos	0	0	0	0	0	0	2.152	0	0	2.152
	CL IV - Bancos multilaterais de desenvolvimento	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL V - Organizações internacionais	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	CL VI - Instituições	0	0	9.050	0	2.711	0	44.899	243	0	56.904
	CL VII - Empresas	0	0	34	0	461	0	401.981	0	0	402.477
	CL VIII - Carteira de retalho	0	0	0	0	0	94.586	0	0	0	94.586
	CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0	0	0	236.924	23.895	24.108	27.359	0	0	312.286
	CL X - Elementos vencidos	0	0	0	0	0	0	34.490	30.916	0	65.406
	CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	0	62	30	0	508	0	0	0	0	600
	CL XII - Posições em risco sobre OIC	0	0	0	0	0	0	26.701	0	0	26.701
	CL XIII - Outros elementos	0	0	6.571	0	0	0	31.630	0	0	38.201
	Posições de titularização no Método Padrão	0	0	172	0	52	0	258	0	0	482
TOTAL requisitos de capital:	0	62	16.582	236.924	27.628	118.694	573.787	31.159	0	1.004.835	

6. Técnicas de redução de risco de crédito

Para efeitos de redução do risco de crédito das posições detidas, são consideradas tanto as garantias de proteção pessoal com efeito de substituição na posição em risco, como os colaterais financeiros que permitam redução direta do valor da posição. São ainda relevantes as garantias reais hipotecárias como mitigação do risco na carteira da CEMG.

A CEMG não utiliza habitualmente processos de compensação patrimonial e extrapatrimonial, assim como não origina derivados de crédito sobre posições na sua carteira.

As posições em risco com redução de risco via efeito de substituição consistem, na sua maioria, em operações de crédito a empresas garantidas por Sociedades de Garantia Mútua (Norgarante, Lisgarante e Garval).

Em termos de redução direta, estão contempladas as operações de crédito colateralizadas por cauções financeiras, nomeadamente, depósitos a prazo, ouro, obrigações e ações incluídas num índice principal de bolsa reconhecida, conforme estipulado no Anexo VI do Aviso n.º 5/2007 do Banco de Portugal.

Relativamente às garantias reais hipotecárias, as avaliações dos bens são realizadas por avaliadores independentes ou por unidade de estrutura da própria Instituição, independente da área comercial. A reavaliação dos bens é efetuada de acordo com as condições dispostas no Aviso n.º 5/2007 do Banco de Portugal, pela aplicação de índices de variação imobiliária⁶, ou pela realização de avaliações no local, por técnico avaliador, consoante os casos, conforme quadro seguinte.

Quadro 18 – Reavaliação de Bens Imóveis

Imóveis destinados à habitação	<ul style="list-style-type: none">- Pelo menos uma vez, de 3 em 3 anos, de forma automática, através do recurso aos índices de variação imobiliária.- No caso de empréstimos que excedam 5% dos fundos próprios da Instituição ou 500 mil euros, a avaliação do bem imóvel deve ser revista por técnico avaliador.
Imóveis destinados a fins comerciais	<ul style="list-style-type: none">- O valor do bem imóvel deverá ser actualizado pelo menos uma vez por ano, de forma automática através do recurso a índices, pela Instituição.- No caso de empréstimos que excedam 5% dos fundos próprios da instituição ou 1 milhão de euros, a avaliação do bem imóvel deve ser revista por técnico avaliador pelo menos de 3 em 3 anos.

⁶ Disponibilizados por Entidade Externa, com base nos dados fornecidos pelas Instituições de Crédito e Entidades Imobiliárias.

Quadro 19 – Técnicas de redução do risco de crédito

(milhares de euros)

Classe de Risco	Posição Líquida	Técnicas de redução do risco de crédito com efeito de substituição na posição em risco líquida					Técnicas de redução com efeito no montante da posição em risco		
		Protecção Pessoal, valor da protecção		Protecção Real de Crédito		Efeito de substituição na posição em risco ⁽¹⁾	Ajustamento de volatilidade ao valor da posição em risco	Caução Financeira: valor da protecção totalmente ajustado	
		Garantias	Derivados de Crédito	Método simples	Outras formas de protecção real				
						1	2	3	4
Total das Posições	22.416.516	97.629	0	0	0	11.342	0	378.043	
CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	1.715.596	0	0	0	0	0	0	0	
CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	42.560	0	0	0	0	0	0	130	
CL III - Organismos Administrativos e Empresas sem Fins Lucrativos	27.594	0	0	0	0	0	0	535	
CL VI - Instituições	1.270.131	885	0	0	0	708	0	53.068	
CL VII - Empresas	5.555.798	46.198	0	0	0	0	0	213.517	
CL VIII - Carteira de retalho	1.973.405	42.484	0	0	0	10.621	0	110.739	
CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	9.802.745	0	0	0	0	0	0	0	
CL X - Elementos vencidos	688.811	8.061	0	0	0	13	0	53	
CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	22.328	0	0	0	0	0	0	0	
CL XII - Posições em risco sobre OIC	333.761	0	0	0	0	0	0	0	
CL XIII - Outros elementos	968.510	0	0	0	0	0	0	0	
Posições de titularização no Método Padrão	15.278	0	0	0	0	0	0	0	

⁽¹⁾ - O cálculo deste campo é efectuado da seguinte forma: $G * P_1 - G * P_2$, onde G é o valor da garantia, P_1 (1) - o ponderador original e P_2 o ponderador após relevar a garantia.

Quadro 20 – Análise de concentração – Protecção Pessoal e Real de Crédito

(milhares de euros)

	Protecção Pessoal de crédito		Protecção real de crédito - método integral sobre cauções financeiras	
	Garantias		Cauções (financeiras) elegíveis	
	Dez-11	Dez-10	Dez-11	Dez-10
CL I - Administrações centrais ou bancos centrais	0	0	0	0
CL II - Administrações regionais ou autoridades locais	0	0	130	55
CL III - Organismos Administrativos e Empresas sem Fins Lucrativos	0	0	535	104
CL VI - Instituições	885	900	53.068	60.189
CL VII - Empresas	46.198	88.395	213.517	176.056
CL VIII - Carteira de retalho	42.484	42.484	110.739	82.799
CL IX - Posições com garantia de bens imóveis	0	0	0	0
CL X - Elementos vencidos	8.061	1.343	53	0
CL XI - Obs. hipotecárias ou obrigações sobre o sector público	0	0	0	0
CL XII - Posições em risco sobre OIC	0	0	0	0
CL XIII - Outros elementos	0	0	0	0
Posições de titularização no Método Padrão	0	0	0	0

7. Operações de Titularização

7.1 Operações efetuadas

A 31-12-2011 a CEMG encontrava-se envolvida sob a forma de instituição cedente em operações de titularização de créditos tradicionais, a saber: *Pelican Mortgages* N.º 1; *Pelican Mortgages* N.º 2; *Pelican Mortgages* N.º 3, *Pelican Mortgages* N.º 4, *Pelican Mortgages* N.º 5 e *Pelican SME* N.º 1 (quadro 23). Como resultado da aquisição do Finibanco Holding a CEMG herdou, e dessa forma passou a ser considerada instituição cedente, das operações de titularização *Aqua Mortgage* 1, *Aqua SME* 1 e *Aqua Finance* 3 (através da Finicrédito). Em todas estas operações o objetivo principal foi o de promover uma maior flexibilização da gestão do seu Balanço, com impacto positivo, *inter alia*, ao nível dos indicadores de liquidez.

O grau de envolvimento, entendido como o quociente entre o volume global em dívida das posições em risco cedidas em operações de titularização e a soma do Activo Consolidado (acrescido do volume global de posições cedidas), situava-se abaixo dos 20%.

Para efeitos prudenciais nenhuma das referidas operações de titularização configurava uma transferência significativa do risco de crédito.

7.2 Métodos de cálculo dos montantes das posições ponderadas pelo risco

Dado que nenhuma das operações de titularização cumpre os requisitos previstos no Anexo I do Aviso n.º 7/2007 do Banco de Portugal, as posições em risco subjacentes não são excluídas do cálculo dos montantes ponderados pelo risco. Consequentemente, não são calculados requisitos de capital para as posições de titularização detidas, assim como não são registadas perdas destas posições.

Relativamente às titularizações em que a CEMG actuou como investidor, o método de cálculo das posições ponderadas pelo risco é o definido pelo Aviso n.º 7/2007 do Banco de Portugal, estipulado para o Método Padrão. Para determinação do grau de qualidade de crédito associado a cada posição de titularização, foram tidas em consideração as respectivas notações externas das agências de *rating* Fitch, Moody's e S&P.

7.3 Políticas contabilísticas

Até 31 de Dezembro de 2004, de acordo com os princípios contabilísticos definidos pelo Banco de Portugal, os créditos cedidos pela CEMG no âmbito das operações de titularização foram desreconhecidos. Os títulos adquiridos no âmbito das referidas operações foram contabilizados como ativos disponíveis para venda e provisionados, nessa altura, de acordo com as regras definidas pela Instrução n.º 27/2000 do Banco de Portugal. Com a revogação deste Aviso pela Instrução n.º 2/2008, do Banco de Portugal, o provisionamento destes títulos ficou sujeito às regras da imparidade, definidas na IAS 39.

Em conformidade com a IFRS 1, o critério de desreconhecimento seguido nas demonstrações financeiras individuais da CEMG não sofreu alterações para todas as operações realizadas até 1 de Janeiro de 2004. Todas as operações efetuadas a partir desta data terão que ser analisadas no âmbito das regras de desreconhecimento de acordo com a IAS 39, segundo o qual, se forem transferidos uma parte substancial dos riscos e benefícios associados aos ativos ou se for transferido o controlo sobre os referidos ativos, estes ativos deverão ser desreconhecidos.

7.4 Informação quantitativa

Quadro 21 – Operações de Titularização

(milhões de euros)

Operações de Titularização									
	Pelican 1	Pelican 2	Pelican 3	Pelican 4	Pelican 5	Pelican SME 1	Aqua Mortgage 1	Aqua SME 1	Aqua Finance 3
Titularização Tradicional									
Instituição Cedente	CEMG	CEMG	CEMG	CEMG	CEMG	CEMG	CEMG	CEMG	Finicrédito
Instituições Patrocinadoras	Navegator SGFTC, SA	Banco Finantia, SA	Sagres STC, SA	Sagres STC, SA	Sagres STC, SA	Sagres STC, SA	Tagus STC, SA	Navegator SGFTC, SA	Tagus STC, SA
Informação sobre as operações:									
Data de início	19-Dez-02	29-Sep-03	30-Mar-07	20-Mai-08	25-Mar-09	22-Jun-10	9-Dez-08	14-Jun-07	30-Jun-09
Maturidade legal	Sep-37	Sep-36	Sep-54	Sep-56	Dec-61	13332	59878	42900	Dec-2023
Cláusula de step-up (data)	n.a.	40422	42430	42887	43266	41470	n.a.	41804	n.a.
Revolving (anos)	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	n.a.	3	2	3	3
Activos titularizados (em milhões de euros)	650	700	750	1.000	1.000	1.167	233	250	207
Valor em dívida (em milhões de euros)	92	173	370	836	866	987	214	125	205
Informação sobre o envolvimento das instituição(ões) cedente(s)									
Existência de situações de "apoio implícito"	não	não	não	não	não	não	não	sim	não
Activos cedidos (por instituição)/Activos titularizados (total) (%)	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Mais-valia inicial/Valor das posições de primeira perda readquiridas	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00

n.a. = não aplicável

Quadro 22 – Valor em dívida das posições em risco titularizadas

(milhões de euros)

	Valor	Do qual: referente a posições objecto de imparidade ou vencidas
Pelican 1	92	2
Pelican 2	173	1
Pelican 3	370	1
Pelican 4	836	1
Pelican 5	866	1
Pelican SME 1	987	16
Aqua Mortgage 1	214	3
Aqua SME 1	125	9
Aqua Finance 3	205	19
Titularizações tradicionais (total)	3.868	54

Quadro 23 – Risco de Crédito – Operações de Titularização: Método Padrão

(milhares de euros)

Tipo de Titularização (tradicional/sintética)	Valor da posição em risco		Montante da posição ponderada pelo risco	
	2	3	Dez-11 Dez-10	
			Valor deduzido aos fundos próprios (-)	
B=Investidor : total das posições	15.278	0	6.023	9.458
B1 - Elementos do activo	15.278	0	6.023	9.458
Titularizações	15.278	0	6.023	9.458
Retitularizações	0	0	0	0
B2 - Elementos extrapatrimoniais e instrumentos derivados	0	0	0	0
C=Patrocinador : total das posições	0	0	0	0
C1 - Elementos do activo	0	0	0	0
C2 - Elementos extrapatrimoniais e instrumentos derivados	0	0	0	0

Quadro 24 – Risco de Crédito – Operações de Titularização: Síntese de Actividades

(milhões de euros)

Tipo de Titularização (tradicional/sintética)	Montante das posições em risco titularizadas / a titularizar		Montante da posição ponderada pelo risco		Ganhos / Perdas reconhecidos nas vendas	
	Dez-11	Dez-10	Dez-11 Dez-10		Dez-11	Dez-10
Titularizações tradicionais (total)	3.868	3.574	0	0	0	0
Elementos do activo	3.868	3.574	0	0	0	0
Titularizações	3.868	3.574	0	0	0	0
Retitularizações	0	0	0	0	0	0
Elementos extrapatrimoniais e instrumentos derivados	0	0	0	0	0	0
Titularizações sintéticas (total)	0	0	0	0	0	0
Elementos do activo	0	0	0	0	0	0
Titularizações	0	0	0	0	0	0
Retitularizações	0	0	0	0	0	0
Elementos extrapatrimoniais e instrumentos derivados	0	0	0	0	0	0

8. Riscos de posição, de crédito, de contraparte e de liquidação da carteira de negociação

8.1 Métodos de cálculo de requisitos de fundos próprios

A carteira de negociação é constituída pelas posições detidas com o objetivo de obter ganhos de curto prazo, quer através de vendas, quer por reavaliação. Os requisitos de fundos próprios relativos a esta carteira são calculados de acordo com o método padrão.

8.2 Metodologias de avaliação dos riscos da carteira de negociação

A carteira de negociação é coberta integralmente pelo “método Padrão sobre a carteira de negociação”.

De acordo com o Método Padrão, os produtos financeiros em carteira são decompostos em duas classes de ativos: Instrumento de Dívida (incluindo derivados sobre instrumentos de dívida e comparáveis) e Títulos de Capital (incluindo derivados sobre instrumentos de capital e comparáveis).

O requisito de fundos próprios para cada classe de ativos é calculado de acordo com as necessidades de cobertura do Risco Específico e do Risco Geral para cada uma das classes de activos. Desta forma, de acordo com o “método Padrão sobre a carteira de negociação” são aplicadas as seguintes metodologias a cada tipo de exposição:

Instrumentos de Dívida

- Risco Geral: Corresponde ao risco de perda provocado por variações desfavoráveis na taxa de juro. Para o cálculo dos requisitos de Fundos Próprios para o Risco Geral é utilizado o método baseado no prazo de vencimento de acordo com a secção II-B, da parte 2 do anexo II do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal.
- Risco Específico: Corresponde ao risco de perda devido a fatores associados ao emitente. Os requisitos de Fundos Próprios para estes riscos são baseados na aplicação da metodologia descrita nas na Secção II-A, da Parte 2, do Anexo II do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal, considerando as alterações introduzidas pelo Aviso n.º 8/2010 do Banco de Portugal, que resulta na ponderação dos ativos de acordo com o sector e qualidade de crédito do emitente.

Títulos de Capital

- Risco Geral: Corresponde ao risco de perda provocado por variações desfavoráveis no mercado de ações. Para o cálculo dos requisitos de Fundos Próprios para o Risco Geral é utilizado o método descrito nas Secções III-B e III-C, da Parte 2, do Anexo II do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal, que resulta na multiplicação da posição líquida global por 8%;
- Risco Específico: Corresponde ao risco de perda devido a fatores associados ao emitente. Os requisitos de Fundos Próprios para estes riscos são baseados na aplicação da metodologia descrita na Secção III-A, da Parte 2, do Anexo II do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal, que resulta na multiplicação da posição bruta global por 8%.

8.3 Informação quantitativa

Quadro 25 – Requisitos de Fundos Próprios (Carteira de Negociação)

Riscos da carteira de negociação		(milhares de euros)	
		Requisitos de fundos próprios	
		Dez-11	Dez-10
1.	Risco de Posição		
1.1.	Método Padrão sobre a Carteira de Negociação	4.420	1.721
1.1.1.	Instrumentos de Dívida		
1.1.1.1.	Risco Específico	1.640	855
1.1.1.2.	Risco Geral	1.718	476
1.1.2.	Títulos de Capital		
1.1.2.1.	Risco Específico	660	112
1.1.2.2.	Risco Geral	402	277
2.	Risco de Crédito de Contraparte		
2.1	Obrigações	0	0
2.2	Instrumentos Derivados	902	437
2.3	Outros	0	0

Em termos quantitativos, utilizando os métodos anteriormente descritos, em 31-12-2011 apurou-se um montante de requisitos de Fundos Próprios, para a carteira de Negociação, no

valor de 4.420.286 EUR. A variação verificada nos requisitos de capital para a carteira de negociação foi, em parte, motivada pela integração da carteira do Finibanco Holding em consequência da sua aquisição. Para esta variação também contribuíram as alterações de posição em futuros sobre obrigações de dívida pública alemã verificadas para os períodos em comparação.

9. Riscos Cambial e de Mercadorias das Carteiras Bancária e de Negociação

9.1 Método de cálculo de requisitos mínimos de fundos próprios

O método utilizado pela instituição para calcular os requisitos mínimos de fundos próprios para cobertura dos riscos cambial e de mercadorias é o método padrão previsto nos Anexos V e VI do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal.

9.2 Método de avaliação do risco cambial e risco de mercadorias

Para o cálculo dos requisitos de Fundos Próprios, o método padrão prevê, segundo o anexo V do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal, a aplicação de um ponderador de 8% (ou 4% se tratarem de divisas estritamente correlacionadas) sobre a soma da posição líquida em divisas, no caso de esta soma exceder 2% dos Fundos Próprios totais.

No que respeita ao risco de mercadorias, em virtude de em 31-12-2011 a CEMG não ter qualquer posição em mercadorias, ou em instrumentos derivados sobre mercadorias, não foi necessária a aplicação do método referido no Anexo VI do Aviso n.º 8/2007 do Banco de Portugal.

9.3 Informação quantitativa

Tendo em 31-12-2011 a posição cambial líquida representado cerca de 0,21% dos fundos próprios, atendendo ao descrito no ponto anterior não se verificou alocação dos mesmos para a cobertura do risco cambial.

10. Posições em Risco sobre Ações da Carteira Bancária

10.1 Objetivos associados às posições em risco sobre ações

O investimento em ações na Carteira Bancária da CEMG assume proporções marginais, tanto no âmbito das carteiras sob gestão, como no contexto do Balanço.

Esta atitude conservadora, em termos de risco, permitiu que, na conjuntura adversa que caracteriza o segmento acionista, não existam impactos materiais negativos sobre a rentabilidade ou rácios prudenciais.

10.2 Técnicas contabilísticas e metodologias de avaliação utilizadas

A contabilização de menos valias nas posições em risco sobre ações foi efetuada em função das carteiras em que as mesmas estavam classificadas, dos valores acumulados dessas menos valias e do tempo decorrido sobre a existência dessas menos valias. Assim, as menos valias verificadas em ações pertencentes à carteira de negociação são de imediato reconhecidas em resultados. As desvalorizações verificadas em ações classificadas como

Disponíveis para Venda são classificadas como imparidade e reconhecidas em resultados se superiores a 30% ou se a situação já persistir por um período superior a 12 meses. Nos restantes casos, as menos valias são contabilizadas em reservas de reavaliação, afetando os capitais próprios.

10.3 Informação quantitativa

Quadro 26 – Posições em Risco sobre Ações

	Ações Cotadas		Ações Não Cotadas		(milhares de euros) Total	
	Dez-11	Dez-10	Dez-11	Dez-10	Dez-11	Dez-10
Custo de Aquisição	14.108	7.793	379.305	32.717	393.413	40.510
Justo Valor	12.094	6.638	377.713	32.390	389.907	39.028
Preço de Mercado	12.094	6.638			12.094	6.638
Resultado do exercício decorrente de vendas e liquidações					-638	3.102
Total de Ganhos ou Perdas não Realizadas					-465	-1.595
Total de Ganhos ou Perdas Inerentes a Reavaliações Latentes					-3.141	113

11. Risco Operacional

O risco operacional consiste no risco de perdas resultantes de deficiências ou falhas dos processos internos, recursos humanos, sistemas ou de fatores externos.

A CEMG obteve autorização do Banco de Portugal, com efeitos a partir de 30 de Junho de 2010, para a adoção do Método *Standard* (TSA) para efeitos de cálculo de requisitos mínimos de fundos próprios para cobertura de risco operacional. Com o alargamento do perímetro de consolidação verificado em 2011, este método encontra-se em fase de implementação nas novas entidades do Grupo.

Com referência a 31 de Dezembro de 2011, os requisitos de fundos próprios para risco operacional da CEMG foram calculados de acordo com o método *Standard* (TSA), incluindo os ativos que foram trespassados do Finibanco e o MG Cabo Verde. Para o Finibanco, Finicrédito e Finibanco Angola, os requisitos foram calculados de acordo com o método do indicador básico (BIA). Em resultado desta realidade, os requisitos de fundos próprios em base consolidada para cobertura do risco operacional correspondiam, em 31 de Dezembro de 2011, a 71,2 milhões de euros.

No método do indicador básico, o cálculo dos requisitos de fundos próprios para cobertura do risco operacional corresponde à média do indicador relevante anual positivo dos últimos três anos ponderada por 15%, enquanto no método *Standard* corresponde à média do indicador relevante anual positivo dos últimos três anos obtido nas diferentes linhas de negócio, multiplicado pelos respetivos ponderadores, de acordo com as definições do Banco de Portugal.

Os elementos contabilísticos considerados no cálculo do indicador relevante estão alinhados com o preconizado na Instrução n.º 23/2007 do Banco de Portugal e com o disposto na alínea d) do n.º 5 do Anexo I do Aviso n.º 9/2007 do Banco de Portugal, no que respeita às exceções a considerar relacionadas com as rubricas contabilísticas que não resultem da atividade corrente da CEMG.

Os critérios de atribuição por segmentos de atividade seguem o disposto no Aviso n.º 9/2007 do Banco de Portugal. O quadro seguinte sistematiza a relação entre os Segmentos de Atividade e a Lista de Atividades existente na CEMG:

Quadro 27 – Segmentos de Atividade e Lista de Atividades

Segmento de Atividade	Lista de Atividades
Corporate Finance	- Tomada firme de instrumentos financeiros e/ou colocação de instrumentos financeiros numa base de tomada firme; - Consultoria às empresas em matéria de estruturas de capital, de estratégia industrial e questões conexas e de consultoria, bem como de serviços no domínio da fusão e da aquisição de empresas;
Negociação e vendas	- Negociação por conta própria; - Intermediação nos mercados monetários; - Recepção e transmissão de ordens em relação a um ou mais instrumentos - Execução de ordens por conta de clientes;
Pagamento e liquidação	- Emissão e gestão de meios de pagamento. - Operações de Pagamento
Banca Comercial Banca de Retalho	- Recepção de depósitos e de outros fundos reembolsáveis; - Empréstimos; - Locação financeira; - Concessão de garantias e assunção de compromissos.
Serviços de agência	- Guarda e administração de instrumentos financeiros por conta de clientes, nomeadamente a custódia e serviços conexos, tais como a gestão de tesouraria/de cauções.
Intermediação relativa à carteira de retalho	- Recepção e transmissão de ordens em relação a um ou mais instrumentos financeiros; - Execução de ordens por conta de clientes.
Gestão de Ativos	- Gestão de OICVM.

Quadro 28 – Requisitos de Capital para Risco Operacional

(milhares de euros)

Actividades	Indicador relevante			Requisitos de fundos próprios
	2009	2010	2011	
Total	570.957	500.199	475.938	71.243
1.Total das actividades sujeitas ao método do Indicador Básico	36.775	39.408	42.595	5.939
2.Total das actividades sujeitas ao método Standard	534.182	460.791	433.343	65.304
2.1.Financiamento das empresas	574	900	1.107	
2.2. Negociação e vendas	29.008	605	1.943	
2.3. Intermediação relativa à carteira de retalho	6.740	6.801	5.105	
2.4. Banca comercial	160.774	170.573	226.332	
2.5. Banca de retalho	305.256	246.869	163.341	
2.6. Pagamento e liquidação	26.786	30.724	31.256	
2.7. Serviços de agência	5.043	4.319	4.259	
2.8. Gestão de activos	0	0	0	

12. Análise de sensibilidade dos requisitos de capital

12.1 Risco de taxa de juro da carteira bancária

A identificação, mensuração e controlo do risco de taxa de juro da carteira bancária da CEMG fazem parte das funções da DRI. A gestão do risco de taxa de juro pela CEMG tem como referência os princípios recomendados pelo *Bank for International Settlements*.

A medição e avaliação do risco de taxa de juro da carteira bancária da CEMG assentam, fundamentalmente, em 2 métodos:

- *Repricing Gap* (mais utilizado);
- *Market Value/Duration*.

Estes métodos utilizam as seguintes componentes de simulação:

- Ativos e Passivos remunerados que constituem o balanço da CEMG (saldo, moeda, data de *repricing*, data de maturidade, taxa de juro do contrato, tipo de indexante, prazo renovação de taxa de juro e tipo de amortização);
- Contas extrapatrimoniais (nomeadamente *swaps* de taxa de juro);
- Estratégias de contratação (montantes, *pricing* e *repricing*);
- Projeção de taxas de juro e de câmbio;

O método de *repricing gap* calcula o montante de ativos e de passivos que renovam de taxa de juro dentro de um determinado período (*Time Bucket*), normalmente 1 mês. O diferencial entre o montante dos ativos e dos passivos que renovam taxa de juro num determinado período representa um *Gap*, que será positivo (negativo) se o total dos ativos for superior (inferior) ao total dos passivos.

Os modelos de *repricing* construídos podem ser:

- Estáticos: apenas considerando a situação patrimonial e extrapatrimonial no final de cada mês;
- Dinâmicos: consideram a situação patrimonial e extrapatrimonial prevista para os meses seguintes, a partir da situação inicial e da evolução previsível das diversas variáveis de negócio, nomeadamente montantes, prazos de renovação de taxa de juro, liquidações antecipadas e mobilizações.

Na construção dos modelos são considerados os seguintes aspetos metodológicos:

- Os ativos e os passivos remunerados estão agrupados de acordo com o prazo de *repricing*, tipo de indexante e a finalidade da operação;
- Os ativos e os passivos remunerados de taxa fixa são considerados como fazendo *repricing* na data de vencimento;
- Atualmente, não se aplicam coeficientes de mobilização antecipada (de depósitos e crédito) optando-se por relevar a maturidade residual dos respetivos contratos.

Nos ativos e passivos remunerados que não estão diretamente indexados a uma taxa de mercado, a data de *repricing* coincide com a data de vencimento.

Os depósitos à ordem são considerados como fazendo *repricing* entre um e dois anos, sendo de referir que a alteração à remuneração destes depósitos apenas é efetuada por via administrativa.

As obrigações de Caixa emitidas com taxa fixa efetuadas pela CEMG têm *swaps* de taxa de juro associados, pelo que afetam os *gaps* de *repricing* nas datas de refixação do ramo *pay* do *swap*.

12.2 Testes de Esforço realizados

Como consequência da participação no Special on-site Inspections Program (SIP), conduzido pelo Banco de Portugal, que decorreu ao longo do ano 2011 e que incluiu a realização de exercícios de stress tests específicos, a CEMG foi dispensada da realização dos stress tests no âmbito da Instrução n.º 32/2009 do Banco de Portugal.

Os exercícios realizados foram efetuados com o acompanhamento de um auditor externo, em parceria com o Banco de Portugal, e visaram aferir o impacto de cenários macroeconómicos e financeiros adversos, no respeitante aos riscos de crédito, mercado e taxa de juro.

No âmbito do Risco de Crédito, as análises incidiram sobre cenários adversos, com projeções desfavoráveis dos principais parâmetros de risco, tais como o aumento dos incumprimentos e a desvalorização dos colaterais. Do exercício referido, concluiu-se que os rácios da CEMG eram suficientemente robustos para fazer face ao cenário simulado. Concluiu-se também que o grupo CEMG utilizou parâmetros e metodologias adequadas na generalidade dos aspetos analisados, sem prejuízo da necessidade de introdução de melhorias em áreas pontuais.

A instituição procede igualmente à realização de análises mensais de impacto de deslocações paralelas da curva de rendimentos ao nível do risco de taxa de juro, em linha com a Instrução n.º 19/2005. São também realizados mensalmente, em sede do Comité ALCO, exercícios de *stress testing*, entre outros, sobre a taxa de juro, sobre colaterais aceites em operações de cedência de liquidez, sobre a evolução de recursos de clientes e de *spreads*. Estes *stress-tests* avaliam os impactos na margem financeira, nos fundos próprios e na liquidez em caso de cenários adversos, sendo definidas as medidas / estratégias para imunização ou contenção dos eventuais efeitos negativos esperados.

No âmbito do Risco Operacional são realizadas, semestralmente, análises de sensibilidade, assegurando-se igualmente a participação nos exercícios de *stress testing* promovidos pelo Banco de Portugal em conjunto com as restantes áreas de Risco. Neste contexto, o último exercício realizado voltou a não evidenciar vulnerabilidades específicas relevantes que justifiquem a necessidade de adoção de medidas correctivas para fazer face a eventuais acontecimentos adversos.

Os resultados destes exercícios são transmitidos ao C.A. e utilizados para a tomada de decisões estratégicas, no âmbito do *pricing*, dos critérios de concessão de crédito e de desenvolvimento da oferta de produtos.

12.3 Informação quantitativa - risco de taxa de juro

Apresenta-se o modelo “Risco de Taxa de Juro (carteira Bancária)” em base consolidada, que considera os impactos decorrentes de *rate shock* de 200 p.b. (+-), conforme o reporte semestral ao Banco de Portugal:

Quadro 29 – Risco de Taxa de Juro (Carteira Bancária)

			(milhares de euros)	
			Dez-11	Dez-10
Efeito na situação líquida de um choque de 200 pb na taxa de juro:	Valor	+	51.643	54.644
		-	-51.643	-54.644
	% Fundos	+	3,08%	4,20%
	Próprios	-	-3,08%	-4,20%

"+" = choque de 200 pb na taxa de juro, no sentido ascendente

"-" = choque de 200 pb na taxa de juro, no sentido descendente

De acordo com a metodologia prevista na Instrução n.º 19/2005 do Banco de Portugal, o impacto na situação líquida decorrente de uma deslocação paralela de 200 p.b. da curva de taxas de juro é de 3,08% do valor dos fundos próprios (conforme Quadro 29). A sensibilidade da carteira bancária ao risco de taxa de juro encontra-se assim dentro dos limites orientadores definidos pelo BIS em "*Principles for the Management and Supervision of Interest Rate Risk*" (limite de 20%).